

Tancredo no último degrau da vida

Técnica de emergência estabiliza quadro de saúde em níveis críticos

FOTOS: JOSEMAR GONÇALVES



São Paulo — Definido pelo médicos no final da tarde como “paciente terminal” — estado irreversível, o presidente Tancredo Neves, conseguia sobreviver até as últimas horas de ontem, através de uma técnica de emergência: o aparelho que lhe fornece 100 por cento de oxigênio, passou a exercer também uma pressão sobre esse oxigênio, evitando a continuidade progressiva da múltipla falência dos órgãos, que se aproximava de uma parada cardíaca.

Os médicos afirmam, porém, ser praticamente impossível prever o tempo de duração dessa técnica, também chamada de pressão positiva na finalização. Ela fez com que a pressão do oxigênio, que se manteve em índices críticos de 30 durante quase 3 horas, chegasse a um nível aceitável de 70, o que não foi conseguido pelo organismo do presidente, durante os cinco dias de um estado estacionário grave.

A técnica empreendida pelos médicos corresponde a uma sobrevivência mantida de forma totalmente artificial, o que significa também que praticamente o presidente poderia estar clinicamente morto. Seu cérebro, que começava a ser afetado pela baixa oxigenação, é preservado pela ação da máquina.

Todas as demais funções do presidente estão bastante afetadas: além dos pulmões e rins, o coração começou a falhar a partir das três horas da manhã quando uma crise de bacteremia reduziu a pressão arterial a 10 por cento, provocando uma crise cardiovascular, que manteve estabilizada em níveis críticos, com a aplicação de dropamicina. A droga, porém, não surtiu o efeito desejado e, às 18 horas, os médicos consideravam iminente uma parada cardíaca, que no caso específico do presidente, com um quadro clínico extremamente grave, seria fatal. A ameaça, mesmo com a utilização da técnica de emergência, não está afastada. Ele pode resultar de um choque séptico — o processo infeccioso afetou todo o organismo, formando focos na corrente sanguínea. Esses focos estão sendo filtrados, juntamente com o excesso de toxinas, uréias, creatinina e potássio, através da hemodiálise, que exerce artificialmente as funções dos rins.

Os médicos admitem que a baixa oxigenação já tenha provocado a morte de vários tecidos do corpo, mas acreditam, por avaliações que consideram relativas, que ela ainda não tenha provocado lesões cerebrais. A avaliação é relativa porque o presidente permanece em estado de inconsciência, devido à ação dos sedativos, ministrados desde domingo passado, em caráter permanente.

Antes a aplicação dos sedativos era intercalada e o presidente tinha momentos de lucidez, comprovados através de gestos.

O quadro clínico do presidente, que se mantinha estacionário, até a madrugada de ontem, teve momentos críticos a partir das três horas, estabilizou-se novamente às sete horas e, no início da tarde, agravou-se ao ponto de os próprios médicos repetirem o que já haviam afirmado no domingo: não há mais nada a fazer. Neste caso, porém, acresciam à gravidade a seguinte observação: — E como se ele descesse de hora em hora uma escada, permanecendo sessenta minutos em cada patamar.

O pior disso tudo, segundo os médicos, recaía na dura constatação de que a crise bacterêmica, ocorrida na madrugada, afetou seriamente o coração, órgão que ainda resistia a todo agravamento do estado de saúde do presidente, o que não acontecia com os rins que vinham funcionando bem e com os pulmões, afetados por uma inflamação intersticial.

As 18 horas, o quadro clínico era classificado de “pré-agonia”, sendo possível, a partir desse horário, “fechar o diagnóstico”, que, na linguagem médica representa prever a causa da morte, com uma parada cardíaca.

Mais uma vez, a exemplo de todas as crises vividas pelo presidente ao longo de um estado agonizante, tornaram-se praticamente irrelevantes as aferições das taxas de uréias, creatinina e potássio, uma vez que seus índices eram reduzidos artificialmente pela hemodiálise.

— A esta altura, também, não representa mais nada, infelizmente, conseguir retirar o presidente da crise. Fazemos isso pelo dever e pela esperança obstinada de que possa haver um milagre. Ele pode sair de mais uma crise. Mas, como o processo infeccioso é intenso e irreversível, outras crises surgirão, cada vez mais intensas, desafiando os recursos e ultrapassando a capacidade das próprias máquinas que o mantêm vivo “afirmou um médico da equipe”.

As 21 horas, um assessor da Presidência transmitia, emocionado, uma previsão médica de que talvez o presidente não passasse da madrugada de hoje. Segundo o assessor, a resistência máxima do presidente, o que seria considerado praticamente um milagre, atingiria 72 horas, a contar do início da crise da madrugada de ontem.